

A Marinha Portuguesa na Grande Guerra

José Luís Leiria Pinto
Contra-almirante

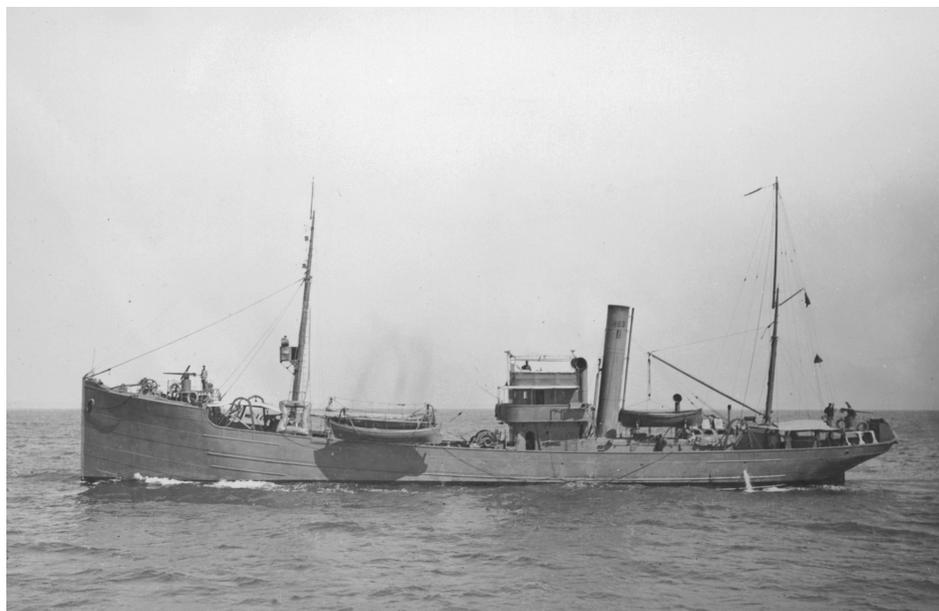


Figura 1: Caça-minas *Augusto Castilho*.

Constata-se que a participação da Marinha de Guerra, Portuguesa no primeiro grande conflito mundial é pouco conhecida, exceptuando o mais célebre combate naval em que interveio durante essa guerra, sucedido no dia 14 de Outubro de 1918, travado entre o caça-minas *Augusto Castilho*, quando comboiava o paquete *S. Miguel* do Funchal para Ponta Delgada, onde chegou a salvo, e o submarino alemão “U-139”.

No período da Grande Guerra, que teve início em Julho de 1914, e antes de qualquer declaração de guerra a Portugal por parte da Alemanha, foi atacado e saqueado por forças deste país, em Agosto desse ano, o posto português de Mazúia, na margem do Rio Rovuma, fronteira norte de Mo-

çambique, tendo sido morto o sargento de Marinha Eduardo Rodrigues da Costa, comandante do posto. Foi a primeira baixa, em combate, de um militar português na Grande Guerra.



Figura 2: Embarque de tropas do Batalhão Expedicionário de Marinha para Angola.

Igualmente surgiram incidentes na fronteira Sul de Angola com forças militares alemãs provenientes do território vizinho da Damaralândia, actual Namíbia. A Marinha mobilizou então um batalhão expedicionário para Angola que comandado pelo capitão-tenente Afonso Cerqueira registou uma brilhante folha de serviços, especialmente em Maio de 1915 no combate de Tchipelongo e em Agosto no de Môngua. O Batalhão de Marinha serviu integrado nas forças comandadas pelo General Pereira D'Eça que mais tarde legou a sua espada à Armada. O comportamento dos Marinheiros nas operações é enaltecido quando no seu relatório afirma:

Todas as unidades cumpriram o seu dever por forma a justificar o grande orgulho que tive em tê-las comandado, porém julgo merecedor de especial menção o Batalhão de Marinha. . .

Foi, sem o menor exagero, uma unidade de elite, cuja têmpera

fica definida dizendo que foi a mais resistente nas marchas, a mais esforçada nos combates...

Mais tarde, em Junho de 1918, partiu um Batalhão Expedicionário de Marinha para Moçambique onde permaneceu um ano, tendo sido empregue apenas em campanhas de pacificação.



Figura 3: Embarque no Mossuril, com destino a Quelimane, do Batalhão Expedicionário de Marinha em Moçambique.

A intervenção da Marinha foi também relevante na defesa dos portos de Portugal Continental, Ilhas Adjacentes e Arquipélago de Cabo Verde.

No Continente, cite-se a defesa da barra do porto de Lisboa que incluía barragens, patrulhamento naval com a utilização de unidades de superfície e submersíveis, postos de vigilância em terra e lançamento e rocega de minas.

Foi numa operação de rocega que se deu o afundamento da caça-minas *Roberto Ivens* e a morte de parte da sua guarnição, incluindo o comandante. A defesa da barra do Rio Douro e Leixões, onde foi estabelecida uma base naval francesa, também foi objecto de medidas por parte da Marinha assim como a Esquadilha Fiscal da Costa, com base em Faro, que durante a guerra acumulou as funções de fiscalização da pesca com a vigilância marítima. A



Figura 4: Patrulha nº 5 na Baía de Cascais.

Aviação Naval, criada em 1917, cooperou na patrulha da costa a partir do Centro de Aviação Marítima de Lisboa, tendo um dos seus hidroaviões, com a respectiva tripulação sido perdido quando em serviço ao largo da barra do Rio Tejo. Em S. Jacinto foi instalado, em 1918, o Centro da Aviação Marítima de Aveiro, comandado por um oficial da Marinha Francesa e dispendo de aviões daquele país, tendo como adjuntos militares da Marinha Portuguesa.

Nos Açores foi criada a Base Naval de Ponta Delgada e na Madeira reforçada a defesa marítima do Funchal, tendo unidades navais portuguesas cooperado no combate a submarinos alemães que chegaram a bombardear as duas cidades.

No que respeita a Cabo Verde, o porto de S. Vicente além de ser um centro de amarração de cabos submarinos, fundamentais para as comunicações telegráficas que ligavam a Europa à América e a África, constituía um importante porto carvoeiro que abastecia a navegação aliada, especialmente os navios de guerra ingleses em serviço no Atlântico. Uma força de Marinha composta de 90 homens, em Novembro de 1914, o primeiro contingente da Marinha a seguir para o Ultramar, foi colocada em S. Vicente para reforçar o serviço de vigilância e protecção dos cabos submarinos. Entretanto, a partir de Setembro, as canhoneiras *Ibo*, *Beira* e mais tarde a *Bengo*, passaram a patrulhar águas cabo-verdianas.

Em Fevereiro de 1916 foram requisitados navios alemães e austríacos

surtos em portos nacionais, tendo a canhoneira *Beira* participado nessa operação no porto de S. Vicente e ficado responsável pela guarda desses navios, cujas tripulações foram internadas na ilha de S. Nicolau, sob custódia de uma força de Marinha.

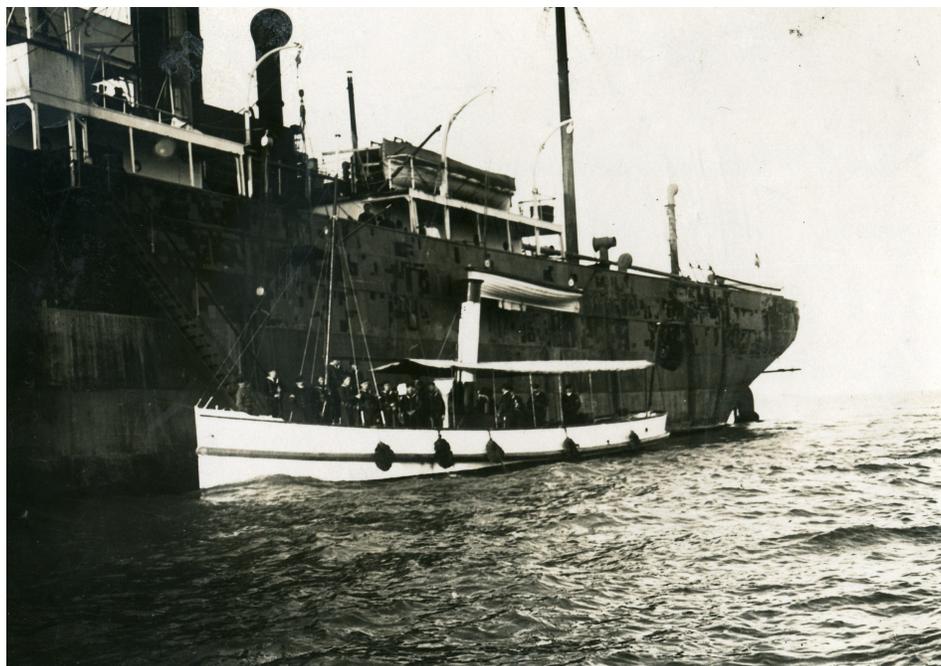


Figura 5: O vapor *Cisne* junto a um navio alemão, conduzindo forças de Marinha para tomar posse do mesmo em Fevereiro de 1916.

De Março a Novembro de 1916 as canhoneiras colaboraram, na defesa da esquadra inglesa do Atlântico que, após uma estadia no Funchal, passou a fazer base em S. Vicente, devido ao deslocamento da ameaça submarina alemã para sul. Apesar da saída da esquadra inglesa o porto de S. Vicente continuou a ser um alvo para o inimigo, situação comprovada em 4 de Dezembro de 1916 quando a *Beira*, juntamente com a *Ibo*, abriu fogo sobre um submarino alemão que havia surgido à entrada da barra, obrigando-o a proceder à rápida imersão. No início de 1918 a ameaça submarina mantinha-se pelo que foram montadas pela Marinha barragens submarinas e peças de artilharia em terra.

Com a reorganização e reforço da defesa do porto passaram a ser formados comboios cujas saídas eram dirigidos pela canhoneira de serviço, que se manteve em comissão até Janeiro de 1919.



Figura 6: Vapor *Cazengo*, mobilizado à ENN, transporta tropas para França, escoltado pelo *Gil Eanes*, 18 de Julho de 1917.

Outras missões da Marinha poderiam ser relatadas como a escolta a comboios e a protecção a navios mercantes para as Ilhas Adjacentes e Ultramar, o transporte de tropas do Corpo Expedicionário Português para França e operações no Rio Rovuma em Maio de 1918 e, nos meses seguintes, o apoio a forças terrestres no norte de Moçambique, integradas por parte das guarnições dos seus navios.

Pode-se concluir que foi principalmente nos mares da Europa e nas águas e terras do Ultramar que durante a Grande Guerra a Marinha Portuguesa esteve presente.